

Perfil de práticas dos professores de Educação Física relacionadas à montagem de treinos nas academias de ginástica de Goiânia

Tadeu João Ribeiro Baptista^{a*}, Andréia G. S. Vieira^b, Jaqueline C. Brito^c, João M. Vieira Neto^d, Leticia R. T. e Silva^e, Renata C. Otesbelgue^f

^aRua C-146, Qd. 400, Lt. 6, Casa 1, Jardim América, Goiânia, GO, Brasil, UFG, E-mail: tadeujrbaptista@yahoo.com.br

^bAv. Anhanguera, 1420, Vila Nova, Goiânia, GO, Brasil, ESEFFEGO/UEG, E-mail: andrea_gsv@hotmail.com

^cAv. Anhanguera, 1420, Vila Nova, Goiânia, GO, Brasil, ESEFFEGO/UEG, E-mail: professora_jaqueline@hotmail.com

^dAv. Universitária, 1440, Setor Universitário, Goiânia, GO, Brasil, DEFD/PUC-GO, E-mail: jmvneto@hotmail.com

^eAv. Anhanguera, 1420, Vila Nova, Goiânia, GO, Brasil, ESEFFEGO/UEG, E-mail: leticia.rts@gmail.com

^fAv. Anhanguera, 1420, Vila Nova, Goiânia, GO, Brasil, ESEFFEGO/UEG, E-mail: renataotesbelgue@gmail.com

Recebido em 07 09 2013, Aceito para publicação em 09 10 2013, Disponível online dia 31 12 2013.

Resumo

A intervenção do professor de educação física nos diferentes espaços deveria ter como direção a formação de seres humanos críticos, independente do espaço no qual eles atuam. Apesar de haverem diferentes posições sobre as academias de ginástica as mesmas podem ser compreendidas como ambiente de educação não formal. Partindo desta premissa, questiona-se: Como os treinos são montados nas Academias de Ginástica de Goiânia? Partindo desta questão central, o presente trabalho tem como objetivo geral realizar um breve relato sobre as práticas que os professores de Educação Física se apropriam para prescrever treinos dentro das Academias de Ginástica de Goiânia. A metodologia adotada é o estudo descritivo, realizado através de entrevistas estruturadas em academias de ginástica de Goiânia.

Palavras-chave: Academia de Ginástica, Educação Física, Práticas de ensino.

Abstract

The intervention of a physical education teacher in different spaces should be as critical towards the formation of human beings, regardless of the space in which they operate. Although there are different positions on the gyms they can be understood as non-formal education environment. On this assumption, the question is: How workouts are mounted on Goiania Fitness Centers? From this central issue, the present paper has as main objective to carry out a brief report on the practices that Physical Education teachers appropriating to prescribe training within the Fitness Centers in Goiânia. The methodology used is descriptive study was conducted through structured in Goiânia fitness centers interviews.

Keywords: Fitness Center, Physical Education, Teaching Practice.

Introdução

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa realizada pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Corpo, Estética, Exercício e Saúde – COEESA. Este grupo é oriundo da Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia de Goiás – ESEFFEGO e conta no momento atual com alunos e professores desta e de outras instituições (PUC, UFG, Secretaria Municipal de Educação de Goiânia e Secretaria Estadual da Educação entre outras). A proposta do presente texto é apresentar uma parte do resultado da pesquisa denominada *O Corpo na Academia: saúde e estética em academias de ginástica de Goiânia*, a qual apresenta dados sobre as práticas dos professores de Educação Física em relação à montagem dos treinos nas academias de ginástica de Goiânia.

Este recorte é justificado por se entender a necessidade de reflexão da prática de ensino do professor de educação física em ambientes de educação não formal (compreendida aqui como a educação não escolar), haja vista a necessidade de compreender esta atuação dentro da perspectiva da educação em um sentido ampliado. Além disso, é possível identificar a necessidade de intervenção do professor de educação física nos diversos campos de trabalho, voltada para formação em uma perspectiva crítica, sobretudo quando há o debate com aspectos da saúde, da estética e do lazer como acontece na academia de ginástica. Tendo-se em vista que o discurso presente no senso comum sobre a função da Academia como o local de aprimorar a saúde do organismo¹ (Baptista, 2013)¹ através de exercícios que sejam planejados de acordo com os objetivos e as necessidades de seus alunos. Entende-se que a demanda por uma compreensão ampliada da academia enquanto espaço de educação deva ser repensado. Apesar de a mesma também apreender o significado de um negócio (empresa) do ponto de vista da visão do mercado (Furtado, 2007a)², inclusive com impacto sobre a intervenção do professor em decorrência da atual organização do processo produtivo, ainda assim, é necessário repensar a prática do professor de Educação Física neste espaço.

¹Neste texto será feita a distinção entre o organismo, entendido como a dimensão meramente biológica do ser humano e o corpo, compreendido como a condição material e espiritual do ser humano, sendo o mesmo uma construção sócio-histórica. Para ver alguns detalhes sobre isso, consultar Baptista (2013).

Partindo-se dessas reflexões iniciais, foi proposto como objetivo geral do presente texto, analisar como os programas propostos pelos professores atendem os objetivos dos alunos. Assim, levando-se em consideração os limites deste texto, faremos um breve relato sobre os elementos que os professores de Educação Física se apropriam para prescrever treinos nas Academias de Ginástica de Goiânia. Para alcançar o objetivo proposto, pretende-se realizar uma discussão sobre Academia de Ginástica, Educação Física e práticas de ensino neste *locus*.

1. Revisando a literatura: Academia de ginástica - um local para reflexão sobre a prática profissional e a influência na formação de corpos

De acordo com Furtado (2007a)², várias personalidades foram peças fundamentais para a disseminação das práticas corporais realizadas na academia, dentre elas podemos citar o fisiculturismo difundido por Schwazenneger, a ginástica aeróbica das vídeo-aulas de Jane Fonda, para afirmar a lógica que na academia “forma-se” mulheres com o físico altamente desejado por outras.

Ainda de acordo com Furtado (2007a)², a Associação Cristã de Moços (ACM), para além da disseminação de alguns esportes, também teve grande influência na propagação da Ginástica Calistênica, que por sua vez, compõe vários programas de ginástica nas academias na atualidade. Afinal, as bases calistênicas desenvolvidas desde o século XIX, continuam presentes do ponto de vista da sua organização analítica, sobretudo nos métodos ginásticos atuais (Soares, 2001)³.

É importante ressaltar que as Academias de Ginástica vendem práticas corporais orientadas, que, por sua vez, acabam por transformar os componentes da cultura relativos ao corpo e suas formas de manifestação em mercadoria, acompanhando a ideia da mundialização do capital, compondo um universo denominado *fitness*^{II} ou

^{II}O *fitness* é traduzido livremente como o desenvolvimento da aptidão física, fazendo com que o seu praticante tenha aptidão para realizar atividades físicas diversas. O seu foco se apoia na estrutura de uma atividade organizada, a qual propicia condições biológicas efetivas para as Atividade de Vida Diária – AVD's.

wellness^{III}, embora os termos apresentem distinções quanto ao foco central das práticas realizadas.

Neste contexto o homem não busca somente sua satisfação em produtos externos, porém o seu corpo passa a ser a própria matéria-prima utilizada pelas academias e transformada em mercadoria. O corpo é ao mesmo tempo consumidor e mercadoria, movido pela industrial cultural para sustentar a o sistema capitalista. Segundo Adorno e Horkheimer (1985)⁴, o amor e o ódio pelo corpo impregnam toda a cultura moderna. O corpo vê de novo escarnecido e repellido como algo inferior e escravizado, e, ao mesmo tempo, desejado como proibido, reificado e alienado. É só a cultura que conhece o corpo como coisa que se pode possuir.

Na relação do indivíduo com o corpo, o seu e o de outrem, a irracionalidade e a injustiça da dominação reaparecem como crueldade, que está tão afastada de uma relação compreensiva e de uma reflexão feliz, quanto à dominação relativamente à liberdade. (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 217)⁴.

De acordo com Marx (1983)⁵, a mercadoria prazerosa é classificada como um fetiche de satisfações, ou o fetiche que o homem tem pela sua própria imagem. É necessário satisfazer essas necessidades. A ironia do Fetiche é que se consegue ser suprido, o mercado capitalista terá novas necessidades. Um meio eficiente de fazer consumir cada vez mais através de uma alienação cada vez menos perceptível.

Este universo fez com que houvesse uma expansão quanto ao número de academias com o intuito de atingir uma diversidade de público. Desta maneira “[...] surgem academias também com características diferentes umas das outras e que contratam e constroem professores com perfis diferentes” (Furtado, 2007a, p. 33)². Esta forma de contratar e construir professores com perfis diferentes, segundo este autor, tem relação direta com a própria organização atual do modo de produção capitalista. Em certo sentido, podemos pensar em dois modelos de gestão diferentes. De um lado, temos o modelo taylorista/fordista, no qual a organização da produção se faz por processos

^{III}O *wellness* é uma nova perspectiva voltada para o bem-estar. Esta nova concepção mercadológica mantém as suas bases nos fundamentos das ciências biológicas dando, entretanto, abertura para a condição do bem-estar individual. No *wellness*, ao contrário da aptidão física, o ponto de referência é a condição de satisfação da pessoa em relação ao seu corpo e à sua condição orgânica. Apesar disso, o *wellness* não foge da lógica biológica e individualista proposta pelo fitness. Ambos consideram inclusive a relação de causalidade entre atividade física e saúde.

mais rígidos e de produção em massa, em que a produção de mercadorias independe da demanda de consumo. Por outro lado, a perspectiva toyotista se organiza a partir da elaboração e criação de produtos, adequados às demandas de consumo, portanto com maior nível de flexibilidade, possibilitando desse modo, a produção de acordo com os pleitos apresentados.

Esse é o contexto ao qual estão inseridas as academias de ginástica atualmente. As mais desenvolvidas possuem influências ainda mais fortes da acumulação flexível que as demais. A sua organização interna se afasta muito da rigidez fordista, estando mais próxima das características flexíveis do toyotismo. Assim sendo, a academia funciona em uma dinâmica caracterizada pela flexibilidade, pela diversificação de sua produção, pelo “foco no cliente” e, conseqüentemente, pela mudança do perfil do professor que nela trabalha (Furtado, 2007b, p. 311)⁶.

O professor desenvolve nessa perspectiva um trabalho que não compreende, uma vez que, as suas ações tem como foco o direcionamento apresentado pelo cliente. Assim como na produção industrial, as mercadorias gestadas demandam características, até certo ponto, diferenciadas, haja vista, não ser possível modificar todas as características humanas. Neste sentido, compreendendo que o professor realiza um trabalho sobre o qual não compreende as suas determinações de maneira mais efetiva, o mesmo pode se constituir em um trabalho abstrato.

Nesta perspectiva, torna-se possível comparar trabalhos distintos e seus produtos a mercadorias, as quais possuem determinada quantidade de tempo de trabalho materializado, considerando-se o trabalho como determinado de forma meramente quantitativa nas relações capitalistas. Assim sendo, o trabalho na sua forma assalariada pode ser definido pelo quantum de tempo necessário à sua realização, como para a produção de qualquer mercadoria (Marx, 2011)⁷. Esta é a essência da mercadoria, a quantidade de trabalho necessário para a produção fica subsumida pelo fetiche, compreendido como o valor da mercadoria em suas bases arbitrárias e fantasmagóricas, entendendo-se que neste caso, o valor é definido sem as bases materiais, ou seja, sem levar em consideração o tempo necessário para a realização (Marx, s.d.⁸; Marx, 2011)⁷.

Mas, foi posto anteriormente que os meios de produção também transferem valor para a mercadoria quando são transformados pelo trabalho. Sendo qualquer valor

produzido pelo trabalho, que está sendo transferido pelos meios de produção também é resultado de trabalho anteriormente utilizado para a produção destes meios de produção.

Desse modo, é possível compreender que o trabalho do professor de Educação Física na Academia de Ginástica também é responsável pela produção de mercadorias. Esse fato fica mais evidente quando se entende o modelo de corpo apresentado na sociedade capitalista atual como sendo algo a possuir um valor específico. Como qualquer mercadoria o corpo agrega valor quando se é possível identificar uma maior quantidade de trabalho apresentada por ele. Neste caso, o corpo com as características apresentadas por Soares (2000)⁹ de retidão, força, baixo percentual de gordura (portanto magro), possui mais valor que os corpos com outras características. Para este modelo de corpo se menciona atualmente o termo “sarado”, ou seja, aquele que estava doente e ficou curado. A aquisição deste padrão corporal pressupõe disciplina e tempo para ser alcançado, por isso, o maior valor sugerido para o corpo com as categorias determinadas socialmente.

O problema é quando os próprios professores de Educação Física propagam e sustentam esse modelo de corpo alienado. Se existem professores de Educação Física atuando dessa forma é porque a sua formação contribuiu de alguma forma para isso, ou a falta dessa formação profissional de qualidade.

Para Marcelino (2003)¹⁰, a ampliação de ofertas de trabalho para o profissional da Educação Física no âmbito do lazer tem resultado no aparecimento de diversas funções, que se pode assumir. Observa-se o aparecimento de um promissor mercado de trabalho em lazer, e que permite destacar a presença desses profissionais em diferentes instituições privadas, como as academias de ginástica. O que sugere um aumento das exigências na formação profissional.

Entretanto, existe outra perspectiva de intervenção do professor de Educação Física em Academias de Ginástica: a compreensão deste espaço como campo de educação não formal. Apesar de se compreender a academia de ginástica da atualidade como negócio, não se pode descartar a perspectiva deste espaço como *locus* educativo, embora não formal.

A Educação Física, nessa perspectiva, pode caracterizar-se como prática pedagógica não só *na* escola, mas também *no* esporte e *no* lazer, e a atuação profissional, nesse caso, também estaria vinculada ao campo da Educação. De outro, ao daqueles que olham a atuação profissional pelo viés da promoção e da orientação de atividades (*exercícios físico-esportivos*) que objetivam contribuir com o bem-estar (equilíbrio) *corporal* das pessoas. A Educação Física, sobretudo por esse viés, acabou inserida na área de saúde, conseqüentemente, fora da Educação (enquanto área de conhecimento). (Coelho Filho, 2009¹¹, p. 3 – Grifos do Autor).

2. Metodologia

O presente trabalho se propôs a desenvolver um breve relato sobre as práticas que os professores de Educação Física se apropriam para prescrever treinos dentro das Academias de Ginástica de Goiânia. Portanto, é necessário captar as informações diretamente dos sujeitos envolvidos no processo, neste caso, utilizaremos as respostas dadas pelos alunos praticantes de exercícios e dos professores das academias de ginástica de Goiânia.

Para se chegar às respostas pretendidas foi feito um estudo descritivo normalmente utilizado quando o “[...] foco essencial destes estudos reside no desejo de conhecer a comunidade, **seus traços característicos, suas gentes, seus problemas [...], seus professores, sua educação,** sua preparação para o trabalho, seus valores, [...] etc.” (TRIVIÑOS, 1987¹², p. 110 – Grifo nosso).

Para se alcançar os objetivos propostos neste estudo, foram elaborados roteiros estruturados de entrevista. A confecção destes instrumentos foi adaptada do instrumento utilizado por Baptista (2001)¹³, em pesquisa de mestrado semelhante realizada em Academias de Ginástica. Assim sendo, este instrumento foi a base para a construção do estudo realizado na presente pesquisa. O instrumento foi construído tendo-se em vista o fato de serem dois tipos de informantes: alunos e professores, porém utilizaremos aqui os dados cruzados (feito através da média ponderada entre as respostas), utilizando assim os professores e os alunos como informantes. O instrumento possui três grandes blocos de perguntas, que aqui, utilizaremos somente duas delas: a) Dados de identificação dos informantes; b) Organização do programa de exercícios realizados. Após a construção destes instrumentos, os mesmos foram submetidos a um estudo piloto em uma academia de pequeno porte que não faz parte da pesquisa. Os dados

foram analisados no Programa Excel para Windows, sendo que o cruzamento dos dados foi realizado através da média ponderada dos dados obtidos.

Fizeram parte deste estudo os alunos e professores das Academias de Ginástica de Goiânia selecionadas de acordo com os critérios definidos através de amostragem aleatória, foi composta por 132 alunos e 11 professores de 7 academias que se dispuseram a participar da pesquisa. A mesma seguiu critérios éticos de pesquisa e todos os pesquisados assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

Entende-se que esta amostragem seja significativa, tendo-se em vista o fato de a coleta de dados terem sido realizadas na forma de entrevista estruturada, permitindo a percepção de alguns aspectos interessantes. Por outro lado, este procedimento metodológico demanda um tempo maior para se coletar os dados. De maneira geral, a equipe de pesquisadores levava em torno de 15 minutos para coletar as informações em cada entrevista. Esta técnica de coleta foi preferida em relação ao questionário, devido ao aumento da mortalidade da pesquisa nesta última forma.

Para a obtenção das informações necessárias foram realizados seguintes procedimentos:

- A seleção dos locais teve como referência Lista de Academias de Goiânia presentes no site do CREF (14/09/07);
- Participaram da pesquisa 7 academias, as quais autorizaram a realização da mesma.

Esses locais foram visitados pelos pesquisadores para se detectar as principais características de cada local, definindo-se desta forma as condições necessárias para a determinação do número das Academias participantes deste estudo;

Para não haver problema entre os dias e horários, a pesquisa ocorreu nos horários de maior movimento, alternando-se as academias em relação aos dias, horários e pesquisadores.

Os dados foram submetidos inicialmente à análise estatística, que neste momento teve o objetivo de contribuir na determinação de porcentagem.

3. Resultados e discussão: a prática profissional de professores de educação física em ginástica de academia

Dentre os dados compreendidos como centrais para esta pesquisa é necessário iniciar pela apresentação do perfil social e demográfico dos informantes. Como o foco central do texto é a atuação dos professores, optou-se por apresentar apenas o perfil sócio demográfico deste grupo. Na tabela 1 é possível identificar o perfil por sexo dos professores e alunos.

Tabela 1: Distribuição de Sexo dos Professores e Alunos das Academias Pesquisadas

Sexo	Professores		Alunos	
	n (11)	%	(n=132)	%
Feminino	4	36,36	76	57,58
Masculino	7	63,64	56	42,42
Total	11	100,00	132	100,00

É possível identificar neste momento uma característica importante entre os professores e alunos pesquisados. Dentre os professores se destaca uma maior presença masculina enquanto entre os alunos existe um predomínio das mulheres. De acordo com o IBGE (2010a)¹⁴, a proporção de homens para mulheres em Goiânia é de 0,966. Nesta pesquisa, a proporção foi de 1,75 para os professores e de 0,74 para as mulheres. Segundo o mesmo instituto, o percentual de mulheres no estado de Goiás é de 50,34% da população e os Homens correspondem a 49,66% (IBGE, 2010a)¹⁴. Nesta situação há dois possíveis elementos a serem considerados em relação aos professores. A primeira possibilidade é de haver realmente a predominância de homens em relação às mulheres nas academias de ginástica de Goiânia. Outra probabilidade é de os procedimentos da pesquisa terem provocado esta alteração, devido ao horário de coleta dos dados, os horários e o acesso aos professores no local da pesquisa. Todavia, esta informação é consistente com os dados de Palma e Assis (2005)¹⁵, que ao fazer um levantamento quantitativo com 305 professores de academias de ginástica no Rio de Janeiro identificou 223 (73,11%) do sexo masculino e 82 (26,89%) do feminino. Em relação

aos alunos e a proporção de homens e mulheres nas academias de ginástica de Goiânia, o estudo de Baptista (2001)¹³ também demonstra o predomínio das mulheres (56 = 72,73%) e menor proporção de homens (21=27,27%).

Na pesquisa foi detectada uma proporção maior de pessoas solteiras (72,73% dos professores e 62,88% dos alunos), Casados (27,27% dos professores e 28,03% dos alunos). De acordo com a pesquisa nacional por amostra de domicílios (PNAD, IBGE, 2010b)¹⁶, na região Centro-Oeste, do ponto de vista do estado civil, a população apresenta a seguinte proporção: Solteiro (45,7%); Casados (43,1%); Divorciado (6,2%); Viúvo (5,0%). Esses dados confirmam a predominância de solteiros da região Centro-Oeste.

Tabela 2: Distribuição da Faixa Etária e Categoria das Idades dos Professores e Alunos Pesquisados

Faixa Etária	Professores		Alunos	
	n (11)	%	N (132)	%
20-30 (Adulto Jovem)	8	72,73	72	54,55
31-40 (Adulto Médio)	3	27,27	23	17,42
41-50 (Adulto Maduro)	0	0,00	16	12,12
51-65 (Adulto Tardio)	0	0,00	12	9,09
65 ou Mais (Adulto Idoso)	0	0,00	9	6,82
Total	11	100	132	100

A tabela 2 apresenta os resultados da faixa etária dos professores e alunos pesquisados. É possível identificar o número elevado de professores considerados adultos jovens de acordo com a classificação de Baptista (2001)¹³ e uma proporção menor de adultos médios, segundo o mesmo autor. Este fato coaduna com o estudo de Palma e Assis (2005)¹⁵ no qual os professores pesquisados na cidade do Rio de Janeiro estavam na faixa etária entre 21 e 47 anos. Os dois estudos demonstram certo grau de juventude para se atuar neste espaço de intervenção, apesar do estudo de Palma e Assis¹⁵ apresentarem professores também considerados maduros de acordo com a classificação de Baptista (2001)¹³. Entre os alunos destaca-se a proporção de adultos

jovens (54,55%), seguidos pelos adultos médios (17,44), Maduros (12,12%), Maduros (9,09%) e Idosos (6,82%). Apesar do estudo de Baptista¹³ só analisar os alunos das três primeiras faixas etárias deste estudo, existe uma coincidência sobre o predomínio da proporção de adultos jovens (45,45%), Médios (31,17%) e Maduros (3,38%). Neste caso, deve-se destacar ainda que a diferença de metodologia e a maior abrangência de faixa etária deste estudo.

Na pesquisa foi detectada uma proporção maior de pessoas solteiras (72,73% dos professores e 62,88% dos alunos), Casados (27,27% dos professores e 28,03% dos alunos). De acordo com a pesquisa nacional por amostra de domicílios (PNAD, IBGE, 2010b)¹⁶, na região Centro-Oeste, do ponto de vista do estado civil, a população apresenta a seguinte proporção: Solteiro (45,7%); Casados (43,1%); Divorciado (6,2%); Viúvo (5,0%). Esses dados confirmam a predominância de solteiros da região Centro-Oeste.

Tabela 3: Estado Civil dos Professores e Alunos Pesquisados

Estado Civil	Professores		Alunos	
	n (11)	%	n	%
Solteiro	8	72,73	83	62,88
Casado	3	27,27	37	28,03
Divorciado	0	0	3	2,27
Viúvo	0	0	6	4,55
Não Informado	0	0	3	2,27
Total	11	100	132	100

Em outro estudo com alunos de academias, o percentual de pessoas casadas era maior que o de solteiras. “Dentro da distribuição do estado civil da população pesquisada, o maior percentual é de pessoas casadas (54,54%), seguido das solteiras (41,56%),” (Baptista, 2001, p.34)¹³.

Um fato a ser destacado é o fato de a pesquisa ter entrevistado um número maior de professores com graduação completa (81,82%), sendo que 18,18% estavam cursando ou já tinham concluído uma pós-graduação. Outro aspecto a ser destacado é o

fato de entre os alunos, a sua maioria estarem cursando ou terem concluído o curso superior, inclusive pós-graduação com um total de 59,10%, dado este encontrado no estudo de Baptista¹³. Segundo o autor:

A maior parte das pessoas possui nível superior. Destas, 42,85% estão cursando Pós-Graduação. Vale a pena atentar para o fato de que apenas a Academia 2 apresenta pessoas com ensino fundamental incompleto, correspondendo a 12,5% de seus alunos, e mais 25% de alunos com o ensino médio incompleto. [...] Esses dados sugerem a elitização desse espaço [...], entendendo-se que pessoas de nível superior são, em sua maioria, de classe média e alta (Baptista, 2001, p. 35)¹³.

Tabela 4: Nível de Formação dos Professores e Alunos Pesquisados

Formação	Professores		Alunos	
	n (11)	%	N (132)	%
Superior Incompleto	2	18,18	26	19,70
Superior Completo	9	81,82	42	31,82
Médio Incompleto	0	0,00	5	3,79
Médio Completo	0	0,00	45	34,09
Fundamental Completo	0	0,00	4	3,03
Pós-Graduação	2*	18,18	10	7,58
Total	11	100	132	100

*O número de Professores com Pós-Graduação não estão contabilizados na contagem total, uma vez que o foco para este grupo era a graduação. Destes um já concluiu o curso e um estava cursando no momento da pesquisa.

Também no texto de Pereira e Borges (2007)¹⁷, 53,86% possuem graduação em Educação Física e 23,08% possuem curso de pós-graduação. Na tabela 5, são apresentados os dados a respeito de quem é responsável pelo controle do treino na Academia de Ginástica.

Tabela 5: Responsabilidade pela Montagem do Programa segundo a informação dos Alunos

Responsável pela Montagem do Programa	(n=132)	%
Professor da Academia	116	87,88
Próprio Aluno	10	7,58
Dona da Academia	4	3,03
Ninguém	3	2,27
Personal	2	1,52
Depende	1	0,76
Academia	1	0,76
Preparador Físico	1	0,76
Médico	1	0,76

É possível observar nesta tabela que em 87,88% dos casos o professor é responsável pela montagem do treinamento de acordo com os alunos. Destaca-se o fato de os alunos serem responsáveis por seus treinamentos sem a interferência, ou talvez, pouca interferência dos professores, ou com pouca interferência deles. Também se destaca o fato de entre os outros responsáveis serem responsáveis, estão a dona da Academia, dois *personal trainers*, um preparador físico e um Médico, os quais, em princípio não são adequados para o processo.

Tabela 6: Realização de Avaliação Física na Montagem do Programa (%)

Realização de Avaliação Física	Professor	Aluno	Total (X)
Sim	54,55	59,85	59,44
Não	45,45	40,15	40,56

Aqui se destaca o fato de 54,55% dos professores fazerem avaliação física para realizar o programa de treinamento. Em estudo de Goebel, Borges e Barbosa (2013)¹⁸ 25 entre 29 professores que atuam com diabéticos em Academias de Ginástica em Santa Catarina, dizem solicitar avaliação física médica antes de iniciar o programa de treinamento.

Na tabela 7 vemos a frequência de alteração dos programas. A maior frequência de alteração do programa é mensal (18,88%), seguido da resposta (de acordo com o treino, o aluno ou a avaliação = 17,49%). Um programa deveria ser alterado de acordo com o seu macrociclo, se buscarmos referências nos estudos clássicos do treinamento desportivo (Dantas, 1998¹⁹; Hernandez Jr, 2002²⁰), o que foi mencionado por 9,09% dos professores entrevistados. Estes autores sugerem o uso de um programa organizado por microciclos apoiado na ideia de que são necessárias algumas sessões de treinamento para garantir a adaptação adequada do treinamento. De certa forma, a proposta realizada por Bompa e Cornacchia (2004)²¹, sugere que o treinamento seja feito por etapas, as quais podem ser compreendidas também como ciclos de treinamento. No entanto, estes autores²¹, sugerem a possibilidade de se alterar o treinamento de acordo com a capacidade de adaptação aos estímulos, mas nunca em todas as sessões de treino.

Tabela 7: Frequência que o professor altera o programa

Periodicidade de Alteração dos Treinos	Professor	Aluno	Total (X)
Mensal	9,09	19,70	18,88
De acordo com o treino, o aluno ou a avaliação.	9,09	18,19	17,49
Não altera/não alterou ainda	0,00	15,91	14,69
Trimestral	27,27	8,33	9,79
Bimestral	18,18	5,30	6,29
Toda aula	0,00	5,30	4,89
A cada 45 dias	0,00	5,30	4,89
Semestral	18,18	2,27	3,49
A cada 2 ou 3 semanas	9,09	1,52	2,10
A cada 5 Meses	0,00	1,52	1,40
O Aluno é quem altera	0,00	1,52	1,40
Não há periodicidade definida	0,00	0,76	0,76
De acordo com Periodização	9,09	0,00	0,76
Não Sabe	0,00	0,76	0,76
Não Informou/Não Respondeu	9,09	12,88	12,59

Na tabela 8, apresentamos a pergunta a respeito de os professores darem ou não informações a respeito dos treinamentos realizados. No total, 63,64% dos informantes comentaram que dão ou recebem informações sobre o treinamento realizado. Este dado é considerado importante, pois, somente dessa forma, seria possível romper com a lógica da alienação identificada em outros estudos²¹.

Tabela 8: Que informações o professor dá sobre as alterações Realizadas no treinamento.

Informações dadas Pelo Professor	Professor	Aluno	Total (X)
Dá informações	81,82	62,12	63,64
Não passa Informações	18,18	34,09	32,87
Não Sabe	0,00	2,27	2,10
Não Entendeu a Pergunta	0,00	1,52	1,40

Considerações Finais

O interesse de atuação em academias, conforme Coelho Filho (2009)¹¹ tem sido um grande chamariz para que os indivíduos procurem ingressar nos cursos de Educação Física, seja de bacharelado ou Licenciatura Plena. Ressalta-se, porém que independente de serem habilitados como profissional (bacharel) ou professor de Educação Física (licenciados plenamente), o que deve consistir enquanto ponto relevante é a prática pedagógica que os mesmos irão adotar para desempenhar o trabalho na academia com a finalidade de alcançar os objetivos dos alunos de forma consciente, visto que a Educação Física deve assumir seu caráter pedagógico não só nos espaços formais (escolares).

O fato apresentado, no entanto, não vem acontecendo na maioria dos desempenhos dos professores que atuam na academia^{11, 23}. O que decorre é uma transformação daqueles em animadores de atividades, o qual tem como características a sociabilidade, alegria, entusiasmo e outras necessárias para atrair pessoas para sua aula. Entretanto, elenca-se que para ocorrer um trabalho sério e de qualidade o indivíduo deve

ter uma prática que ultrapassa a mera “pedagogia das competências” (Nozaki *apud* Coelho Filho, 2009, p.8)¹¹, respaldada nos saberes ser, fazer, aprender e conviver.

O professor ou profissional de Educação Física, para ter, portanto, sua atuação reconhecida na academia deve romper com o ideário de uma figura frágil, sem grande necessidade e que pode ser facilmente substituída, como denota Coelho Filho (2009)¹¹. Levanta-se, portanto, que um ponto inicial seria adotar uma organização pedagógica a prática docente nas aulas de ginástica, observando os objetivos dos participantes, estando atento às respectivas facilidades e dificuldades destes, bem como conduzir a formação de conhecimento a respeito da prática executada, ultrapassando a mera repetição mecanizada. Ocorre uma precarização e desvalorização do trabalho docente, e os empregos nos setores não escolares seguem na mesma direção.

Referências

- (1) Baptista, TJR. A educação do corpo na sociedade do capital. Curitiba: Appris, 2013. (Coleção Ciências Sociais).
- (2) Furtado, RP. Novas tecnologias e novas formas de organização do trabalho do professor nas academias de ginástica. *Pensar a Prática*. 10(2): 307-322, jul./dez. 2007a.
- (3) Soares, CL. Educação física: raízes européias e Brasil. 2ª ed. Campinas: Autores Associados, 2001.
- (4) Adorno TW, Horkheimer M. Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- (5) Marx K. O Capital: crítica da economia política. São Paulo, Abril Cultural, 1983.
- (6) Furtado, RP. O não-lugar do professor de Educação Física em academias de ginástica. 187f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007b.
- (7) Marx K. O Capital: crítica da economia política. 29. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, livro 1, v. 1.
- (8) Marx K. Trabalho Assalariado e Capital. São Paulo: Global Editora, s.d.

- (9) Soares, CL. Notas sobre a educação do corpo. Revista Educar. Curitiba: UFPR, 16: 43-60, 2000.
- (10) Marcellino NC. Academias de ginástica como opção de lazer. Revista Brasileira de Ciência e Movimento. Brasília, 11(2): 49-54, jun. 2003.
- (11) Coelho Filho, CAA. Educação física nas academias de ginástica: uma reflexão sobre a prática profissional. XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte, Salvador – Bahia – Brasil, 20 a 25 de setembro de 2009. Anais... Salvador: CBCE, 2009, 1-14. Disponível em: <http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/CONBRACE/XVI/schedConf/presentations>. Acesso em: 29 de setembro de 2009.
- (12) Triviños ANS. Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.
- (13) Baptista, TJR. Procurando o Lado Escuro da Lua: implicações sociais da prática de atividades corporais realizadas por adultos em academias de ginástica de Goiânia. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2001. (Dissertação de Mestrado).
- (14) IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pirâmide Etária em Goiás – Censo 2010a. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/censo2010/piramide_etaria/index.php. Acesso em: 25/04/2011.
- (15) Palma A, Assis M. Uso de esteróides anabólico-androgênicos e aceleradores metabólicos entre professores de educação física que atuam em academias de ginástica. Rev. Bras. de Ciências do Esporte. Campinas, 27(1): 75-92, Set. 2005.
- (16) IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Amostras de Domicílio (PNAD): síntese de indicadores 2009. Rio de Janeiro: IBGE, 2010b. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/pnad_sintese_2009.pdf. Acesso: 13/05/2011.

- (17) Pereira RG, Paula AH de. Perfil profissional de instrutores de musculação das academias da cidade de João Monlevade-MG. *Movimentum: Revista Digital de Educação Física*, Ipatinga, Unileste-MG, 2(1): 1-10, Fev./jul. 2007.
- (18) Goebel MC, Borges LJ, Barbosa AR. O conhecimento dos profissionais de Educação Física atuantes em academias de ginástica de Florianópolis, em relação às pessoas com diabetes. *Rev Bras Ativ Fis e Saúde Pelotas/RS* 18(3): 309-310, Mai/2013.
- (19) Dantas EHM. *A prática da preparação física*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Shape, 1998.
- (20) Hernandes Junior BDO. *Treinamento Desportivo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.
- (21) Bompa T, Cornacchia, L. *Treinamento de força consciente*, 2ª ed. São Paulo: Phorte Editora, 2004.
- (22) Baptista TJR. A autoconsciência do corpo na academia de ginástica. *estudos, Goiânia*, v. 33, n.9/10, p. 773-787, set./out. 2006.
- (23) Prestes MT, Moura JAR, Hopf ACO. Estudo exploratório sobre prescrição, orientação e avaliação de exercícios físicos em musculação. *Revista Kinesis, Santa Maria*, 26: 22-166, Maio de 2002.